

## **ORGANICIDADE DE LUTA E ALTERNATIVAS AGROECOLÓGICA CAMPESSINA DA REGIÃO SUL E SUDESTE DO PARÁ**

**Rosinete Silva Macedo**<sup>1</sup>

**Hélio Loiola dos Santos Júnior**<sup>2</sup>

### **Educação Ambiental**

### **RESUMO**

Este trabalho objetiva apresentar uma discussão sobre a questão das formas de organicidade produtiva aliada com técnicas ambientais agrícolas do campesinato no sul e sudeste do Pará, inserida em um processo de disputa de território, por um lado a expansão do agronegócio e do capital industrial, e, por outro, a luta de resistência dos trabalhadores do campo. Tendo como foco os processos de produção camponesa imersos a contextos de capitalização do campo, visibilizando as formas estratégicas e técnicas de produção imbricadas numa lógica agroecológica desenvolvida por pequenos agricultores da região como forma de enfrentamento a capitalização do campo. Os dados apresentados foram coletados em um trabalho de campo qualitativo exploratório, em que foi realizada entrevistas semiestruturadas com agricultores e representantes de organizações e entidades no e do campo, A pesquisa ocorreu em alguns lugares representativos dessa disputa: empresas, multinacionais e assentamentos. A visitação foi realizada junto a turma de educação do campo da Universidade Federal do Pará, organizada por professores da turma. Como resultado, o processo investigativo denotou que mesmo com as contradições do contexto campestre, os agricultores criam um universo dinâmico de estratégias de organicidade de produção coletiva no viés da sustentabilidade. Com esta pesquisa conclui-se que a resistência e alternativas agroecológicas de produção campestre corroboram para sustentabilidade comunitária.

**Palavras-chave:** agroecologia; campesinato; sustentabilidade; produção.

### **INTRODUÇÃO**

Muitos são os fatores que convergem para a latente situação de conflitos agrário atrelados às problemáticas socioambientais do campo, desde problemas relacionados a desertificação do campo proveniente das grandes produções de monoculturas, que desemboca no aumento do êxodo rural, isto é, comunidades inteiras saindo do campo para cidade, ao surgimento de problemas especificamente ambientais advindos do processo de capitalização do campo.

Nesse sentido, esse artigo foi resultado de uma viagem de campo realizada no período de 13 a 17 de fevereiro de 2013 com a turma de Educação do Campo da Universidade Federal

---

<sup>1</sup>Mestranda do programa de pós-graduação de ciências e meio ambiente-PPGCMA/ICEN/UFPA, rosamacedo@ufpa.br

<sup>2</sup>Mestrando do programa de pós-graduação de ciências e meio ambiente-PPGCMA/ICEN/UFPA, helio35@hotmail.com

do Pará. Sabe-se que na região sul e sudeste do Pará, há constantes conflitos em busca da permanência ou da exploração de territórios entre as forças hegemônicas e contra hegemônicas de produção. Desse modo, um dos objetivos dessa trajetória foi observar, evidenciar e refletir sobre a constante disputa por territórios entre os espaços camponeses e os processos hegemônicos de produção do capital, bem como outras produções alternativas. Para isso, foram utilizados os autores para subsidiarem e fundamentarem a discussão proposta neste artigo: Benjamin(2011), Jacob(2003), Leff (2009), Silva (2006) e Sorrentino (2005). Portanto objetivava-se com este trabalho apresentar uma discussão sobre a questão das formas de organicidade produtiva aliada com técnicas ambientais agrícolas do camponato no sul e sudeste do Pará em um contexto de conflito entre o capital industrial e os trabalhadores do campo.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa quanto ao objeto foi consulta bibliográfica: com utilização de livros e artigos, relacionados ao tema, materiais esses que propiciaram maior aprofundamento da temática. E pesquisa de campo que propiciou uma correlação entre a literatura e os indivíduos pesquisados, que se deu por meio de uma amostragem de camponeses entrevistados da região sul e sudeste do estado do Pará, deste modo possibilitou um maior respaldo a pesquisa. A pesquisa quanto ao estudo foi exploratória, pois teve como objetivo proporcionar maiores informações sobre o assunto a ser investigado, facilitando deste modo a delimitação do tema, além de orientar a fixação dos objetivos e da formulação das hipóteses ou a possibilidade da descoberta de um novo enfoque para o assunto, e visa aprofundar o conhecimento da realidade pesquisada (PREESTES,2012). Para o alcance dos resultados esperados foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevistas semiestruturadas, deste modo a abordagem foi qualitativa. Após análise da literatura e da coleta de dados da pesquisa de campo os mesmos foram tabulados sistematizados utilizando-se a técnica de correlação dos dados e análise de conteúdos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em se tratando da produtividade de permanência do camponato, agricultores criam estratégias de cultivo de subsistência e de existência unindo-se, mesmo que de forma

inconsciente na perspectiva agroecológica de cultura que engloba desde as plantas medicinais às de consumo doméstico. Desse modo, muitas plantas nativas da região são replantadas em fundos dos quintais das residências ou em pedaços de territórios reservados para este fim. Isto significa, a comunidade cumprir a sua função ecossocial sobre a natureza assim como diz, Benjamin (p.83, 2011) “temos que entender que um dos componentes da nossa condição humana é exatamente essa qualidade única de sermos capazes de nos atribuir responsabilidades, às vezes unilateralmente, inclusive em favor dos não humanos.”

Sobre esse cultivo a consciência ambiental que o agricultor possui mesmo que impulsionada pela necessidade de subsistência atribui inestimáveis valores ao cultivo de vegetações primordiais para sustentabilidade da comunidade em que está inserido. São práticas ambientais que devem ser estimuladas e preservadas na cotidianidade dos sujeitos, a fim de serem materializadas como experiências herdadas de gerações e gerações. (LEFF, 2009)

Quanto as estratégias de cultivo ficam nítidas na fala de agricultores sua concepção ambiental enraizada em suas experiências e saberes acumulados e advindos de sua cotidianidade campesina, contudo denota-se a sua luta em preservar essas experiências pra gerações futuras frente as investidas de uma outra ótica de produção pautada nos fluxos de capitais que conforme o agricultor é danoso a natureza.

Nestes aspectos, fica evidente o posicionamento ambiental de cultivo do agricultor pautado na preocupação com a natureza e a preservação da coletividade do mundo humano. Estes princípios de produção como diz Jacobi (2003) são necessários a uma sociedade que prima pela sustentabilidade, uma vez que os tais princípios são condicionantes essenciais para efetivação das dimensões intrínsecas ao conceito de desenvolvimento sustentável.

Já há uma produção na perspectiva coletiva mais estruturada quanto aos aspectos de organicidade, neste caso cita-se Federação das cooperativas da Agricultura Familiar do Sul do Pará- (FECAT) como organização um pouco mais sofisticada e contra hegemônica de produção campesina. Desta forma:

[...] vemos presente nos diversos movimentos sociais do campo uma dimensão de projeto político, de transformação social, que do ponto de vista operativo apresentam diferentes estratégias ancoradas nos campos de intervenção a que se dedicam[...] (SILVA 2006, P.13)

A partir da fala de agricultores da supracitada organização federativa de agricultura familiar observa-se o quanto que uma produção pautada na coletividade tende a crescer nos aspectos sociais, econômicos e ambientais da comunidade local que aos poucos a produção se fortalece, ganha mercado e acima de tudo atende as necessidades da coletividade tanto dos agricultores como da comunidade respeitando as especificidades biofísicas ambientais da natureza. Nestes termos, toda produção que se pauta na sustentabilidade da comunidade deve ser tratada como ação política ambiental que segundo Sorrentino(2005,p.288-289) se origina de:“ um processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado, que implica a questão distributiva entre benefícios e prejuízos da apropriação e do uso da natureza”.

Partindo desse pressuposto, é possível aliar a produção com o desenvolvimento dos aspectos sociais, econômicos e ambientais de uma localidade e com isso desconstruir o discurso de uma produção atrasada quanto ao crescimento econômico, uma vez que, essa produção pautada nos interesses da coletividade amplia os horizontes de desenvolvimento ao senso de responsabilidade socioambiental e modos de organicidade coletiva que prima o bem-estar em termos gerais da comunidade. Portanto, quanto logo a sociedade compreender as inúmeras possibilidades de crescer sem necessariamente degradar o espaço de vivência, a natureza agradece.

## **CONCLUSÕES**

Muitas são as contradições nos contextos campestres quando se trata de políticas agrícolas no campo. Inúmeras famílias lutam constantemente pela sua subsistência, dada a necessidade de sobrevivência numa realidade desigual de oportunidades quanto ao acesso a políticas públicas sociais. Tal realidade favorece a entrada de produção que segue uma ótica imbricada nos fluxos de capitais que desemboca na desertificação do campo com monoculturas e processos industriais cada vez mais intensos.

Frente a essas formas de produções de capital industrial no campo, emergem outras formas de produção que possui uma organicidade de coletividade quer nos objetivos, quer nos interesses envolvidos, quer nas necessidades atendidas que vem ganhando força na disputa por territorialidades e de mercado.

Portanto, as formas de organicidade dos agricultores possuem em comum interesses e atendimento das necessidades da coletividade, pautadas numa produção que leve em consideração os princípios da sustentabilidade envolvendo o coletivo campesino local.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Antônio Herman. **A natureza no direito brasileiro: coisa, sujeito ou nada disso. NOMOS**, Revista de Pós-Graduação em Direito, UFC, v,31,n.1,2011. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/nomos/article/view/398> acessado em 13/01/2018.
- JACOBI, Pedro Roberto. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/ 2003 p. 189-205, março/ 2003.
- LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura: A territorialização da racionalidade ambiental**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.
- PRETES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola a academia**. 4ª ed. São Paulo: Respel, 2012.
- SILVA, Maria do Socorro. **Da raiz a Flor: Produção Pedagógica dos Movimentos Sociais e a Escola do Campo** IN: MOLLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa I: Questões para reflexão**. Brasília\ MDA, 2006.
- SORRENTINO, Marcos et. al. **Educação ambiental como política pública**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.